

CAPÍTULO 1

Havia algo mais do que um almoço à espera do engenheiro brasileiro naquele início de tarde.

Aconteceu na segunda terça-feira de fevereiro. Um dia de inverno como tantos outros em Damasco, com a paisagem nublada, o vento frio incômodo e o trânsito intenso a espalhar barulho e poluição por toda parte. Pouco depois das treze horas, o engenheiro Aurélio Marcondes Amorim, cinquenta e três anos, impecável num terno de lã cinza grafite, desceu solenemente os quatro degraus da portaria do seu edifício defronte ao parque Jahez, em Malki, um dos mais ricos bairros da cidade, encravado na região que concentrava boa parte dos ministérios e embaixadas estrangeiras. Levava numa das mãos sua inseparável maleta preta e, na outra, um casaco feito sob medida, para a eventualidade de uma chuva repentina.

Ele sinalizou severamente para Imad, seu motorista, que displicentemente descansava sobre o capô do Citroën Xantia estacionado junto ao meio-fio, lhe abrir a porta traseira. Instantes depois, o automóvel fazia o contorno na monumental praça dos Omíadas e embrenhava-se pelo tráfego movimentado da avenida Choukry Koutwatly, a principal artéria da capital síria. Ladeada por jardins, hotéis de luxo, museus e pelo grandioso pavilhão da Feira Internacional de Negócios, ela era uma das mais vistosas vias urbanas do Oriente Médio, rivalizando com as ruas Sadoun, em Bagdá, Vali-Asr, em Teerã, e a estupenda Omar Bin al-Khattab, em Dubai. Por um instante, Aurélio crispou os dedos inquietos na superfície lisa da maleta, enquanto uma dor aguda perpassava-lhe os ombros rijos. Estava tenso.

Não mais do que dez minutos separavam o seu prédio do restaurante Palais des Nobles, situado dentro do complexo da Feira Internacional de Negócios, em frente ao hotel Méridien. Aurélio saltou, o vento a desalinhar o cabelo ridiculamente tingido de castanho-escuro, e caminhou a passos lentos até alcançar o opulento pórtico sustentado por colunas clássicas que dava as boas vindas aos abastados clientes. O restaurante era luxuoso. A suntuosidade da sua decoração, inspirada nos palácios europeus do século dezoito, era abrihantada por enormes espelhos nas paredes e graciosos afrescos no teto, que lhe davam um ar excessivamente faustoso, capaz de ofender sentidos estéticos mais arraigados. Aurélio sempre sentia arrepios ao imergir no amplo salão de refeições, coberto por um telhado envidraçado e coalhado de folhagens e pássaros enjaulados que compunham uma incômoda atmosfera tropicalista.

Guiado pelo *maître*, ele andou até uma mesa, onde o aguardava um homem jovem de trinta e oito anos, aparentando menos idade, de cabelos e pele claros e vestido com um terno azul marinho. Ugo Pietrangeli.

Aurélio estendeu a mão para cumprimentá-lo:

— *Kéf hálak?* (Como vai?) — saudou, em árabe.

— *Bikhér, al-hámdu lilláh* (Bem, graças a Deus) — retribuiu Ugo. — Sente-se.

Aurélio acomodou-se. Ugo apontou para o cardápio que repousava sobre a mesa:

— Que tal começarmos com um *mezze* sírio?

Aurélio limitou-se a acenar com a cabeça em concordância. Ugo fez o pedido ao garçom, sugerindo como acompanhamento, em vez do tradicional áraque com água gelada, uma garrafa de Bordeaux. Depois perguntou a Aurélio:

— Trouxe o disquete?

— Está bem guardado aqui — sorriu Aurélio, dando três leves tapinhas na valise.

O garçom chegou com o vinho e afastou-se, imediatamente. Ugo ergueu a garrafa e despejou o rubro néctar no copo de Aurélio, enquanto dizia:

— Você fez o certo. Do contrário, teria problemas. Você sabe que não sou eu quem dita as regras. E quem dita as regras está convencido de que você pretendia nos passar a perna... Estou falando dele, do nosso *Don*¹. Lamento dizer, mas já há algum tempo ele não o vê como alguém digno de confiança.

Aurélio tomou um gole de vinho. Havia um tom de ameaça naquelas palavras, mas ele não se deixou intimidar. Abriu a valise e retirou um pequeno estojo de plástico, entregando-o a Ugo. Nele havia um disquete de 100 megabytes, em cuja etiqueta vinha grafado a mão o nome *Tanechka* — o diminutivo carinhoso, em russo, de Tatyana — seguido de numeração em romanos.

Ugo examinou-o, sem esconder sua evidente satisfação.

— Você não fez cópias destes documentos, fez? — perguntou, sem desviar os olhos.

Aurélio meneou a cabeça, circunspecto.

— Claro que não.

— Então, por que demorou tanto a entregá-los?

Aurélio manteve-se calado.

— Você sabia muito bem que estávamos ansiosos para ter esses dados conosco — prosseguiu Ugo, a voz grave, sem conforto. — Sua atitude foi, no mínimo, uma impressionante falta de consideração. Nesse mundo em que vivemos, é preciso ser diplomático a fim de poupar egos sensíveis, que não têm por norma perdoar quem não lhes dirige a deferência devida.

Sem emitir qualquer comentário, Aurélio assumiu uma expressão de espanto incrédulo ante tamanha agressividade. Despejou mais vinho no copo e bebeu-o de uma só vez, enxugando a boca com o guardanapo de tecido.

— Não vou insistir nesse assunto — acrescentou Ugo. — Senão acabarei revelando algumas frases nada lisonjeiras a seu respeito que ouvi ontem, quando me preparava para vir para cá. Saiba, porém, que qualquer tentativa sua de nos trair, por menor que seja, será descoberta e, se preciso for, iremos até o inferno atrás de você para fazê-lo arrepender-se para sempre. Está entendido?! Caso existam cópias desses arquivos em seu poder, sugiro que as destrua ainda esta tarde.

— Poupe sua ira, Ugo — reagiu Aurélio, sarcasticamente. — Não existe, nem nunca existiu, nenhuma intenção minha de trair vocês. Sei que a ansiedade às vezes leva as pessoas a cometer injustiças... Por isso, eu não o condeno por desconfiar de mim.

Ugo fez uma careta:

— Não é a minha opinião que interessa, seu idiota. Você parece ainda não ter compreendido que nós dois somos apenas partes minúsculas de uma aliança que não admite dissidências. Qualquer um que decidir rompê-la, não o fará sem pagar um preço amargo. Foi apenas isso o que eu quis dizer. Não foi uma ameaça, e sim um lembrete.

Aurélio, que até o momento conseguira manter o autocontrole, não suportou o tom de ironia injuriosa contida naquela frase:

— Com certeza, você estava torcendo para que eu fosse liquidado, não é Ugo? A maneira como me olha lembra um juiz sádico proferindo a sentença de morte, um carrasco salivando no patíbulo enquanto observa extasiado a vítima trôpega subir os degraus sufocada pela agonia. Não sou uma hiena. Se tivesse de apunhalá-lo, o faria de frente e arcaria com as conseqüências do meu ato. Mas eu não farei isso nunca. Estamos juntos nesse barco, e eu seguirei nele até o fim.

Aurélio sabia que não estava dizendo a verdade, mas não tinha outra saída senão insistir numa nova ordem dos fatos. Durante semanas utilizou-se de todos os argumentos possíveis para não entregar o disquete, parte de um plano que começara a ganhar forma mais de um ano atrás, naquele delicioso jantar no balneário dourado de Jounieh, embalado pela brisa do mar da costa libanesa. Fora quando se dera conta de que a excitação inicial com seu novo trabalho na Síria, que marcara a sua chegada quatro anos antes, havia se

¹ Alcinha dada ao chefe ou patriarca de uma família mafiosa.

convertido numa exasperante e permanente sensação de aprisionamento, que ia de encontro ao seu estilo de vida insubordinado, quase anárquico, sem compromisso com as demandas da vida burocrática.

Uma doce cientista europeia assassinada em Moscou constituía argumento irrefutável para ludibriar Ugo por tempo suficiente para consolidar a fuga tão aguardada. Se Deus existe, refletiu Aurélio intimamente, Ele me auxiliará nesta libertação, guiando-me para um recanto longínquo, onde eu possa, invisível aos olhos de todos, rir de Ugo e de sua gente.

Conferiu as horas no relógio de pulso e concluiu que já não restava nada que o prendesse ali. A companhia desagradável de Ugo havia reduzido o que prometia ser um encontro civilizado entre cavalheiros, a uma sucessão acintosa de acusações e ameaças. Era uma pena que tudo tivesse de terminar assim. Inclinou-se para levantar-se. Ugo fitou-o com sarcasmo:

— Já vai? Mas, ainda nem almoçamos...

— Já não lhe entreguei o disquete? Você devia ser o primeiro a querer se levantar. Seria bem do seu feitio sair sem pagar a conta e ainda levar os talheres da mesa no bolso do paletó.

Ugo soltou uma risada:

— Eu jamais desceria a um nível tão baixo. Se ficou contrariado com as verdades que eu disse, sugiro que volte para casa e bata cem vezes com a sua cabeça oca na primeira parede que encontrar. Mas, bata com bastante força para ver se sai alguma coisa inteligente de dentro dela, o que será um milagre.

Aurélio atirou com violência o guardanapo sobre a mesa, apanhou sua maleta e deixou o restaurante sem se despedir. Imad o aguardava com o carro na avenida. Aurélio aboletou-se no assento traseiro e ordenou-lhe:

— Vamos embora! Depressa!

O carro acelerou. Aurélio recostou-se e respirou fundo sucessivas vezes. Pôs-se, então, a repensar toda a sua trajetória, desde que chegara ao Oriente Médio poucos anos atrás, e imaginou se não era muita pretensão para um homem ligado a gente daquela espécie escapar ileso, como pretendia. Conhecia técnicas de fuga extremamente eficazes, capazes de confundir mesmo as mentes mais sagazes. Pessoas como Ugo e sua nefasta cambada de terroristas. Mas, ainda assim, alimentava dúvidas e receios. Restava pouco, muito pouco, para o passo decisivo ser dado. Desejava ardorosamente sair vitorioso. Sentia como se a liberdade estivesse lhe abrindo suas portas resplandecentes, convidando-o a uma vida idílica de prazeres infinitos, onde a única certeza era a de que jamais seria descoberto.

Seu rosto, contudo, estava pálido de expectativa. Suas mãos tremiam, debatendo-se ante a iminência do inesperado. Arfava de excitação, o coração palpitava descompassado. Ele abriu a maleta e conferiu a papelada em seu interior, a fim de distrair os pensamentos. Tudo em vão. Olhou casualmente pela janela e percebeu que o Citroën havia enveredado pelo caminho oposto ao do seu prédio e agora completava o trajeto pelo bulevar Bagdá, aproximando-se do contorno da mesquita al-Firdûss e do trevo que levava à estrada para Homs e Aleppo, no norte.

Aurélio baixou o vidro e respirou fundo algumas vezes, a fim de receber o ar frio da rua. A julgar pela sua expressão sôfrega, isto não adiantaria muito. Arfava cada vez mais violentamente. Levou a mão ao peito. Os olhos esbugalharam-se. Ele afrouxou a gravata com premência até arrancá-la com força do colarinho. Imad arriscou um discreto olhar pelo espelho retrovisor e observou-o contorcer-se, a língua enrolada e a saliva a escorrer pelo queixo, precipitando-se sobre a gravata.

Ouviu Aurélio gritar, com a voz sufocada:

— O *Don*... O *Don*, o maldito *capo* dessa máfia diabólica cumpriu a ameaça, Imad!

Imad não desviou a atenção da direção, resistindo à tentação de assistir o remate da cena pelo retrovisor. Um sorriso de vitória surgia em seu rosto, à medida que Aurélio esmorecia atrás dele, arquejando fortemente.

— Era uma cilada! Desde o início era uma cilada! Mas eu vou resistir, eu *preciso* resistir! O *Don* e os agentes desta ditadura sanguinária não sairão vitoriosos. Eu juro que não... — sua voz foi ficando cada vez mais fraca e rouca. — Maldito seja você, Ugo. Malditos sejam... todos os tiranos que... um dia...

Ele mordeu os lábios com força, abrindo uma ferida. Sua voz agora era um sussurro.

— ...conhecerão o castigo...

Aurélio não completou a frase, apenas soltou mais alguns gemidos agonizantes e, em seguida, silenciou. Imad ajustou o retrovisor e observou-o imóvel, a cabeça pendendo ligeiramente para trás, as mãos caídas sobre o pescoço e a boca entreaberta. Sorriu por baixo do espesso bigode negro, pisou no acelerador e em poucos instantes deixou os limites de Damasco.

Mais tarde, quando percorria a estrada, já nas cercanias da cidade de Homs, o automóvel foi abordado por um vendedor de frutas, que estava sentado no acostamento. Imad baixou o vidro elétrico, permitindo que ele se aproximasse carregando uma caixa de ripas de madeira repleta de pêssegos viçosos e rosados.

— Estão frescos, *sayid* — afirmou ele, olhando de relance para Aurélio desfalecido. Seus olhos eram vivos e externavam uma fria satisfação. Em seguida, fez um gesto de aprovação com a cabeça em direção a Imad.

— Não, obrigado. Não gosto de pêssegos — disse Imad, calmamente.

O homem sorriu, solícito:

— Leve-os assim mesmo. Farei chegar aos nossos líderes que os recebeu. Esta é a senha: "Os pêssegos foram aceitos". Sinal de que tudo correu bem.

Imad fez uma afirmativa com a cabeça. Meteu a mão no bolso, retirando três notas de cem libras sírias e estendeu-as ao rapaz. Colocou a caixa sobre o banco do carona e tornou a fechar o vidro.

Continuou o percurso para o norte do país, levando o que seria um Aurélio imerso em sono profundo. Depois, sacou um celular do porta-luvas e telefonou para Ugo, comunicando que os pêssegos foram aceitos. Em troca, recebeu a ordem para desaparecer com os pêssegos.

* * *

Os pêssegos, no caso, eram o cadáver do traidor.

Ugo Pietrangeli desligou o celular com a grata sensação do dever cumprido. Aurélio estava se tornando um risco perigoso, e sua eliminação ocorrera no momento certo. Só lamentava ter sido forçado a adicionar uma dose do mortífero óleo de nicotina ao vinho. Afinal de contas, tratava-se de um Bordeaux e era um desperdício lançar mão de bebida tão saborosa para eliminar um homem desprezível como Aurélio. O Palais des Nobles, ponto de encontro de homens de negócios e da nova burguesia síria com a sua decoração oscilante entre o opulento e o *kitsch*, era o recanto favorito de Ugo em Damasco. O refúgio perfeito da atmosfera cinzenta e antipática da capital síria, cidade que ele, italiano radicado no Líbano, odiava ferozmente.

Ugo pagou a conta e deixou o restaurante, afastando-se sem pressa a pé pela calçada arborizada, em meio a casais com filhos, velhos, mulheres com as cabeças cobertas pelo véu islâmico, misturadas a outras tantas de calças compridas ou saias de lã, com as madeixas expostas ao vento frio. O comércio, que em sua maioria fechava temporariamente entre duas e três da tarde, começava a reabrir suas portas. Ele caminhou pela avenida Choukry Koutwatly até a altura do Museu Nacional e tomou logo um táxi para o aeroporto.

No terminal de embarque, apanhou a maleta que deixara num guarda-volumes assim que chegara pela manhã e guardou nela a preciosa embalagem com o disquete. Uma hora depois embarcou de volta a Beirute, capital do Líbano, a pouco mais de cem quilômetros de distância. O vôo era curto. Ele logo estaria contando as boas novas. O *Don*, naturalmente, ficaria satisfeito.

No avião, acomodou a maleta no compartimento acima de sua poltrona. Procurava a todo custo disfarçar qualquer sinal de excitação, mas era-lhe particularmente estimulante imaginar a reação dos demais passageiros caso descobrissem o que continha o disquete que viajava com eles naquele avião. E que efeitos poderia ter na vida de todos ali.

O que pensariam eles, se soubessem que junto aos seus pertences viajava a fórmula e o esquema de construção da bomba de hidrogênio, o segredo nuclear mais bem guardado de todo o planeta? E, pior ainda, prestes a cair em mãos ávidas para pô-la em prática?

A bomba H, muito mais potente que a bomba atômica, pensou Ugo, que, naquele momento, quase teve um ataque de entusiasmo.